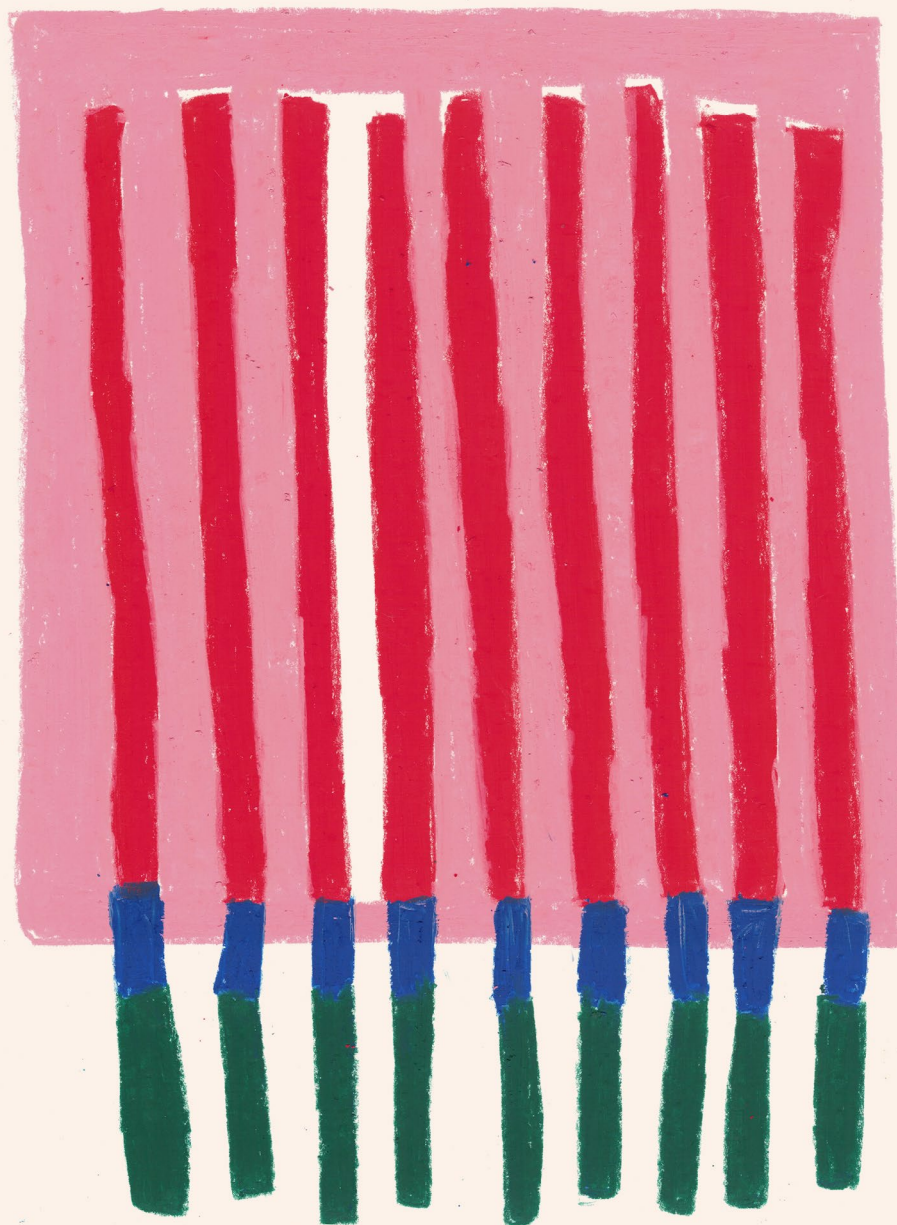


Discurso de formatura de uma canhota

Faculdade Mills, 1983



Nota da editora

Esta tradução foi anteriormente publicada no blog Pontes outras: <https://pontesoutras.wordpress.com/>. O original – “A Left-Handed Commencement Address” – está disponível no site da autora: <https://www.ursulakleguin.com/lefthand-mills-college?rq=left>. Agradecemos a Julia Raiz, Janaina Matter e Luana Navarro.

Nota das tradutoras

Em 1983 Ursula Le Guin foi convidada para participar da cerimônia de colação de grau dos formandos da Faculdade Mills em Oakland, Califórnia. A faculdade tinha sido fundada em 1852 como Seminário de Jovens Moças e em 1871 foi transferida para Oakland, tornando-se a primeira faculdade para mulheres da costa oeste dos Estados Unidos. A partir de 2014, a faculdade adotou uma política de admissão que recebe mulheres e estudantes de gênero não binários.

Quero agradecer à turma de 1983 da Faculdade Mills por me oferecer uma chance rara: falar em voz alta em público na linguagem das mulheres.

Eu sei que há homens se formando, e não pretendo excluí-los, longe disso. Há uma tragédia grega em que o grego diz ao estrangeiro: “Se você não entende grego, por favor indique balançando a cabeça”. De qualquer forma, discursos geralmente são operados sob o acordo tácito de que todos que estão graduando são do gênero masculino ou deveriam ser. É por isso que estamos todos usando essas vestimentas do século XII que caem tão bem para os homens e fazem com que as mulheres pareçam um cogumelo ou uma cegonha grávida. A tradição intelectual é masculina. Falar em público é feito na língua pública, na língua nacional ou tribal; e a língua da nossa tribo é a linguagem dos homens. Claro que as mulheres a aprendem. Nós não somos burras. Se você puder diferenciar a Margaret Thatcher do Ronald Reagan, ou Indira Gandhi do general Somoza, a partir de qualquer coisa que elas tenham dito, me diga como. Este é o mundo do homem, então fala-se a linguagem do homem. As palavras são todas palavras de poder. Vocês percorreram um longo caminho, baby, mas nenhum caminho é longo o suficiente. Vocês nem podem chegar lá se vendendo: porque o lá é deles, não de vocês.

Talvez tenhamos tido suficientes palavras de poder e falado o bastante sobre a batalha da vida. Talvez precisemos de algumas palavras de fraqueza. Em vez de dizer agora que espero que todas saiam desta torre de marfim da faculdade para o “Mundo Real” e forjem uma carreira

triumfante ou pelo menos ajudem seu marido a manter nosso país forte e ser um sucesso em tudo — em vez de falar sobre poder, e se eu falasse como uma mulher bem aqui em público? Não vai soar bem. Vai soar terrível. E se eu dissesse que o que espero para vocês primeiro é se — apenas se — vocês quiserem ter filhos, que vocês os tenham. Não um bando deles. Dois, e chega. Eu espero que eles sejam lindos. Espero que vocês e eles tenham o suficiente para comer, e um lugar aquecido e limpo para estar, e amigos e um trabalho que vocês gostem. Bem, é para isso que vocês foram para a faculdade? Isso é tudo? E quanto ao sucesso?

O sucesso é o fracasso de outra pessoa. O sucesso é o sonho americano que podemos continuar sonhando porque a maioria das pessoas, na maioria dos lugares, incluindo trinta milhões de nós mesmas, vive bem desperta na terrível realidade da pobreza. Não, eu não desejo sucesso a vocês. Eu nem quero falar sobre isso. Quero falar sobre o fracasso.

Porque vocês são seres humanos, vocês encontrarão o fracasso. Vocês encontrarão decepção, injustiça, traição e perda irreparável. Vocês se descobrirão fracas, em situações em que pensavam ser fortes. Vão trabalhar por posses e em seguida descobrir que elas possuem vocês. Vão se encontrar — como eu sei que já aconteceu — em lugares escuros, sozinhas e com medo.

O que eu espero para vocês, para todas as minhas irmãs e filhas, irmãos e filhos, é que sejam capazes de viver lá, no lugar escuro. Que sejam capazes de viver no lugar negado por nossa cultura racionalizante do sucesso, chamando-o de lugar de exílio, inabitável, estrangeiro.

Bem, nós já somos estrangeiras. As mulheres como mulheres são em grande parte excluídas das normas masculinas autodeclaradas desta sociedade, onde os seres humanos são chamados de Homem, o único deus respeitável é masculino, a única direção é para cima. Então esse é o país deles; vamos explorar o nosso próprio. Não estou falando de sexo; esse é outro universo, onde todo homem e mulher está só. Estou falando sobre a sociedade, do tão chamado mundo dos homens da competição,

da agressão, da violência, da autoridade e do poder institucionalizados. Se queremos viver como mulheres, algum separatismo nos é imposto: a Faculdade Mills é uma personificação sábia desse separatismo. O mundo dos jogos de guerra não foi feito por nós ou para nós; não conseguimos nem respirar o ar de lá sem máscaras. E, se você colocar a máscara, vai ter dificuldade em tirá-la. Então, que tal seguir fazendo as coisas do nosso jeito, da mesma forma que vocês fizeram até certo ponto aqui na Mills? Não para homens e para a hierarquia do poder masculino — esse é o jogo deles. Não contra os homens — isso ainda é o jogo de acordo com as regras deles. Mas com qualquer homem que esteja conosco: esse é o nosso jogo. Por que deveria uma mulher livre, com formação universitária, lutar contra um *Machoman* ou servi-lo? Por que ela deveria viver sua vida nos termos dele?

Machoman tem medo dos nossos termos, que não são todos racionais, positivos, competitivos etc. Ele nos ensinou a desprezá-los e negá-los. Em nossa sociedade, as mulheres viveram e foram desprezadas por viverem todo o lado da vida que inclui e assume a responsabilidade pelo desamparo, fraqueza e doença, pelo irracional e irreparável, por tudo o que é obscuro, passivo, descontrolado, animal, impuro — o vale da sombra, o fundo, as profundezas da vida. Tudo o que o Guerreiro nega e recusa é deixado para nós e para os homens que compartilham isso conosco e portanto, como nós, não podem brincar de médico, só de enfermeiros, não podem ser guerreiros, apenas civis, não podem ser caciques, apenas indígenas. Bem, esse é o nosso país. O lado noturno do nosso país. Se há um lado diurno, serras altas, pradarias de grama brilhante, só sabemos contos pioneiros sobre isso, nós ainda não chegamos lá. Nunca chegaremos lá imitando um *Machoman*. Só vamos chegar lá seguindo nosso próprio caminho, vivendo lá, atravessando a noite em nosso próprio país.

Então, o que espero para vocês é que vivam lá não como prisioneiras, envergonhadas por serem mulheres, cativas voluntárias de um sistema social psicopático, mas como nativas. Que vocês estejam em casa lá,

cuidem da casa lá, sejam sua própria dona, com um quarto próprio. Que vocês façam seus trabalhos lá, seja lá o que vocês façam bem: arte ou ciência ou tecnologia, ou dirigir uma empresa ou varrer embaixo da cama, e, quando eles disserem que é um trabalho de segunda classe porque uma mulher está fazendo, espero que vocês lhes digam para irem para o inferno enquanto te pagam o mesmo salário pelo mesmo tempo de serviço. Espero que vocês vivam sem a necessidade de dominar e sem a necessidade de serem dominadas. Espero que vocês nunca sejam vítimas, mas espero que não tenham poder sobre outras pessoas. E, quando vocês falharem, e estiverem derrotadas, e com dor, e no escuro, então espero que se lembrem que a escuridão é o seu país, onde vocês moram, onde nenhuma guerra é travada e nenhuma guerra é vencida, mas onde o futuro está. Nossas raízes estão no escuro, a terra é o nosso país. Por que olhamos para cima para bênçãos — em vez de olharmos ao redor e para baixo? Nossa esperança está lá. Não no céu cheio de armamento e olhos espiões orbitando, mas na terra que olhamos abaixo. Não de cima, mas de baixo. Não na luz que cega, mas na escuridão que nutre, onde os seres humanos crescem como almas humanas.

Caderno de Leituras n.127

Discurso de formatura de uma canhota
(Faculdade Mills, 1983)

A Left-Handed Commencement Address
(Mills College, 1983)

Ursula Le Guin

Edição

Luísa Rabello

Tradução

Janaina Matter

Luana Navarro

Revisão

Andrea Stahel

Imagem da capa

Dolores Orange

Projeto gráfico

Rita Davis

Coordenação da coleção

Luísa Rabello

Maria Carolina Fenati

Composto em Georgia e Acumin Pro

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, maio de 2021

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 1094/2020